

SE EU FOSSE IRACEMA

Pegar um discurso em defesa de uma etnia e colocar em cena, mesmo pautado em testemunhos reais, pode ser uma tarefa interessante como exercício intelectual para extração de possíveis conflitos. Agora, ao ponto de aguçar o interesse do espectador, geralmente o faz permanecer no nível da leitura panfletária, principalmente se a narrativa for entregue a um interprete de cor branca. Tudo isso poderia trair uma empreitada, mas não é o que se vê no espetáculo *Se Eu Fosse Iracema*, em cartaz no Teatro Quintal, interpretada pela meticulosa e carismática atriz [Adassa Martinsque](#), juntamente com a minuciosa e criativa direção de Fernando Nicolau constrói e desconstrói momentos de rara beleza. Ali, o excesso narrativo é diluído em partituras que se complementam com máscaras e vocalizações muito bem elaboradas entre o butoh, o coloquial e o distanciamento brechtiniano que nos é servido ao redor de um tronco cenográfico serrado, plantado no palco onde emanam as dores das perdas silvestres, juntamente com a dos silvícolas que ali fazem suas oferendas e purgações a cada dia. Iracema, é um solo magistral amarrado na história dos sentimentos poéticos de uma velha índia contadora que desenvolve transições em outras personagens que fazem o contra ponto às vezes críveis e em outras de provocadora ironia, para extrair daí o conflito, que foca muito mais na narrativa por ela mesma, do que nos possíveis e imaginários coadjuvantes, como é comum nos solos físicos. Enfim, experiências que somente o teatro pode expressar nos relatos viscerais das nossas perdas históricas que tem em Iracema uma instigante encenação a brilhar na plêiade dessa técnica. E mais que justa a indicação da nossa atriz a Prêmio Shell. (jfh)